

USO DE (AUTO)BIOGRAFIAS EM UMA FORMAÇÃO CONTINUADA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL ON-LINE

Valdir Lamim-Guedes
*Centro Universitário Senac; Programa de Pós-Graduação em Educação,
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.*
lamimguedes@gmail.com

RESUMO: Neste texto analisamos (auto)biografias que foram utilizadas como forma de construção da identidade entre educadores ambientais no contexto de uma experiência de formação *on-line* continuada em Educação Ambiental (EA). Utilizou-se um grupo na mídia social Facebook para disponibilização de materiais em diferentes mídias, interação entre os participantes e realização de atividades colaborativas. Dos 21 educadores ambientais participantes da iniciativa, 11 produziram (auto)biografias, que foram estudadas conforme preceitos da análise de conteúdo. Deparamos com um perfil heterogêneo dos participantes e a percepção de que a EA é um processo que envolve aspectos pessoais, escolares e profissionais. Concluímos que o uso de (auto)biografias permitiu um processo de reflexão e compartilhamento de vivências que constituiu para a formação continuada destes educadores ambientais.

PALAVRAS-CHAVE: Formação Continuada; (Auto)biografia; Narrativa; TICs; Facebook.

OBJETIVOS: Analisar (auto)biografias resultantes de uma experiência de formação continuada *on-line* de educadores ambientais.

MARCO TEÓRICO

A Educação Ambiental (EA) é constituída de ações pedagógicas alinhadas com o “saber ambiental”, descrito como o conhecimento a respeito do meio ambiente e que se produz numa relação entre a teoria e a práxis (Leff, 2008). Além disto, espera-se que a EA seja construída coletiva e conjuntamente entre educador (professor) – assumindo um papel de mediador – e alunos, a partir de uma abordagem sociocultural da educação.

O aspecto interdisciplinar da EA faz com que ela não seja restrita a uma categoria profissional, desta forma, tem-se uma heterogeneidade no perfil do educador ambiental que abrange, tradicionalmente, os professores de ciências e biologia, mas também outros professores, assim como educadores de instituições não-formais, do terceiro setor, profissionais da área ambiental e de outras áreas. Neste cenário diverso, as experiências vividas pelos educadores ambientais tomam grande vulto na prática da EA, além de ser um fator gerador de identidade. Estes profissionais valem-se de suas vivências para reforçar a contextualização dos assuntos tratados, assim como, para assumir uma posição de exemplo de condutas mais sustentáveis. Os relatos de experiências, muito comuns em eventos e periódicos sobre EA, contribuem para que diferentes formas de ação pedagógica sejam compartilhados e tragam ino-

vações para a EA. Aqui percebemos uma questão importante para formação continuada de educadores ambientais: permitir que a tradição pedagógica possa ser revigorada por novos saberes e vivências de forma que a EA possa ser mais interessante para os educandos e que seus objetivos de transformação socioambiental sejam alcançados.

As (auto)biografias (grafia adotada por Nóvoa e Finger, 1988) são narrativas que trazem consigo uma mostra da identidade da pessoa e, como são um esforço de narrativas de fatos e percepções, é baseada em processos reflexivos. Segundo Nóvoa e Finger (1988: 116), “as histórias de vida e o método (auto)biográfico integram-se no movimento atual que procura repensar as questões da formação, acentuando a ideia de que ‘ninguém forma ninguém’ e de que ‘a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida’”. Neste sentido, a formação do educador ambiental está relacionada à sua vivência pessoal, formação escolar e as experiências profissionais. Neste trabalho analisamos (auto)biografias de educadores ambientais brasileiros em formação continuada, possibilitada por um grupo na mídia social Facebook.

METODOLOGIA

Usamos um grupo na mídia social Facebook como ambiente virtual para permitir a interação entre educadores ambientais, pois este é um canal de comunicação percebido como uma ferramenta popular, relativamente fácil de usar e potencialmente útil para professores e alunos, permitindo a integração e permitindo o controle de privacidade. Em termos educacionais, os grupos no Facebook “são espaços *on-line* em que as pessoas podem interagir e compartilhar recursos e comentários. É uma maneira de alunos e professores trabalharem em projetos colaborativos” (Mattar, 2013: 118). Desta forma, a troca de vivências foi possível pelas interações em um grupo do Facebook, incluindo com o uso de (auto)biografias.

Os 21 participantes são ex-alunos ou alunos de cursos de formação continuada de educadores ambientais presenciais ou a distância oferecidos por instituições de ensino superior brasileiras, que foram convidados por e-mail em outubro de 2015. Desta forma, as ações desenvolvidas no escopo do projeto tratam-se de uma formação continuada.

A redação das (auto)biografias foi proposta em novembro de 2015, 20 dias após a criação do grupo no Facebook, como forma dos participantes se conhecerem e para favorecer a reflexão sobre os processos pessoais de constituição como educadores ambientais. Para permitir o compartilhamento, foi criado um arquivo no *Google Docs*, no qual todos poderiam acessar, ler as instruções e escrever ou inserir a sua (auto)biografia. Os integrantes do grupo foram encorajados a fazer um relato autobiográfico respondendo a questão “como me tornei educador ambiental?”. Foram realizadas várias leituras das (auto)biografias, para posterior categorização e análise, orientados na perspectiva da análise de conteúdo proposta por Bardin (1977).

RESULTADOS

No arquivo do *Google Docs* foram inseridas 11 (auto)biografias pelos participantes do grupo no Facebook. Identificamos 5 categorias de convergência nas (auto)biografias: relação com o ambiente natural, influência familiar, trajeto escolar e profissional e práticas educativas. Os participantes tiveram algumas dificuldades em usar as ferramentas adotadas, principalmente, o *Google Docs*. Isto nos surpreendeu, pois esta é uma ferramenta fácil de ser utilizada.

Os participantes apresentam em média 32 anos de idade, quatro moravam no Estado de São Paulo e a maioria são mulheres (7), prevaleceu a formação em biologia (4 pessoas), seguida pelas graduações em gestão ambiental (3), geografia (2), e quase todos têm a formação em nível de especialização na área

de EA ou superior. A diversidade de formações retrata o fato da interdisciplinar da EA fazer com que ela não seja restrita a um profissional, desta forma, tem-se uma heterogeneidade no perfil do educador ambiental que abrange, de forma mais tradicional, os professores de ciências e biologia, mas também outros professores, assim como educadores de instituições não-formais e do terceiro setor.

O conteúdo das (auto)biografias confeccionadas pelos participantes demonstra que os caminhos percorridos pelos participantes desta pesquisa não são lineares. Dois exemplos ilustram bem as rupturas que aconteceram em suas vidas. A Educadora 1, que fez duas graduações, comentou que cursou a segunda para trabalhar na área ambiental e sair de uma instituição bancária. Outro participante comentou sobre sua primeira tentativa de trabalhar como gestor ambiental, onde no primeiro dia de trabalho recebeu as orientações sobre quais ilegalidades deveria cometer, após isto, pediu demissão e foi trabalhar em uma instituição social de reforço escolar.

Nas (auto)biografias, a maioria dos autores trouxe elementos da infância (9 pessoas de um total de 11), sobretudo a proximidade com a natureza e depois passaram a descrever o processo de educação formal. Carvalho (2008: 99), analisando (auto)biografias obtidos a partir de entrevistas, comenta do lugar comum entre todos que é a relação com a natureza. Notamos esta relação com a natureza e também uma influência familiar nas (auto)biografias, como pode-se notar nos trechos a seguir: “a tranquilidade que tinha na casa de campo em toda a minha infância fez-me ser um admirador convicto da natureza” (Educador 1) e “vivi a minha infância criada pela minha mãe, com minha irmã mais velha, em casa com quintal e muitos amigos; em ambos os momentos, brincava muito na rua” (Educadora 4). A influência de alguma figura familiar, como avô ou pai, também aparece nos relatos: “sempre gostei de lidar com a terra, pois toda a minha infância presenciei momentos inesquecíveis ao lado do meu avô, em sua chácara no litoral, onde plantávamos e cuidávamos dos animais sempre com muito carinho e dedicação” (Educadora 1).

Além da relação homem-natureza ser um tema recorrente, em alguns trechos é perceptível a visão de sustentabilidade que o educador ambiental tem, como no trecho a seguir:

Cresci e tive que entender que a sociedade é organizada e precisa sobreviver entre os meios sociais, econômicos e naturais e que faço parte destes três meios, o que de fato me impulsionou a tornar-me um ser humano que venha contribuir para o uso correto da natureza com os seus elementos e compreender seus ciclos, suas espécies, seus sistemas, sua formação e sua sobrevivência e organização no espaço (Educador 1).

Neste trecho, percebe-se a visão que a EA trata de temas socioambientais, não “apenas” ambientais, pois há uma interligação entre economia, meio ambiente e sociedade. Contudo, outro ponto que podemos observar, é o entendimento de que existe um triângulo da sustentabilidade (modelo *triple bottom line*), muito em voga no discurso empresarial e que foi introduzido em outras áreas, mas que tem sido criticado por dar um destaque muito grande ao aspecto econômico, o que é um desvirtuamento da definição de desenvolvimento sustentável.

Todos os participantes desenvolvem ações pedagógicas que envolvem ações de educação ambiental, seja em escolas ou em espaços não-escolares (não-formais). No contexto brasileiro, os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCNs) (Brasil, 1998) e a *Política Nacional de Educação Ambiental* (Brasil, 1999) são referenciais para as ações de EA, onde esta aparece como um tema transversal: meio ambiente, que deve ser tratado nas ações escolares sempre que possível. Muitos educadores indicam a influência destes documentos oficiais. O trecho a seguir retrata como diversas temáticas relacionadas à EA aparecem na prática educativa desta profissional, reforçando a transversalidade da temática ambiental:

Na prática profissional, o viés da EA está sempre nas aulas, nas atividades, nas discussões. Procuro sempre ir além do pragmatismo, da superficialidade da EA, trazendo questões como o consumismo, a produção dos bens de consumo, a segurança alimentar, políticas públicas, economia,

história, a igualdade de gêneros, a conservação da biodiversidade, tudo para que o objetivo da interdisciplinaridade da EA seja contemplado (Educatora 2).

Na mesma linha do trecho acima, reproduzimos abaixo comentários de um professor de geografia, nos quais esclarece a inserção da temática socioambiental em suas aulas:

[A] minha vivência em sala de aula ao trabalhar a EA de acordo com os parâmetros curriculares e claro não ignorando a própria construção e o saber do aluno. (...) Tento desenvolver um trabalho interdisciplinar com a ciências e a história principalmente aos alunos de 6º ano que foca mais na questão de paisagem, sentimento de pertencimento, recursos naturais e a sua importância e preservação. (...) No 8º ano trabalha-se fontes de energias principalmente a renováveis e a questão do efeito estufa e a relação com o aquecimento global tendo a dinâmica de formar grupos e desenvolver maquetes para tornar mais lúdico o processo ensino e aprendizagem. (...) Outra dinâmica é a confecção de charges com a temática ambiental através da representação de uma sátira é possível visualizar todos os anseios dos próprios em relação ao meio ambiente (Educador 3).

Em um dos relatos podemos notar a relação entre o ensino de ciências, a opção pela graduação e sua relação com a EA:

Relembrar o início da minha trajetória com a educação ambiental significa retomar as memórias de infância até a entrada no curso de Ciências Biológicas. Essas memórias me fazem refletir que sempre, de uma forma ou de outra, estive envolvida com temas ligados à educação ambiental, mesmo que, sem ter ideia naquele momento. Eram hortas, plantio de feijão em algodão, experimentos de extração da clorofila das folhas, desenhos de ambientes naturais, dentre outras experiências que vêm à mente. Desde o pré-escolar esse tema me despertava a atenção. Lembro-me de dizer que, na 4ª série, Ciências era minha disciplina predileta (Educatora 6).

Esta relação entre a EA e o ensino de ciências, classificada por Sauv  (2005) como integrando a corrente científica, que reúne as a es de ensino de ciências e EA, na qual enquadra-se a maioria das práticas citadas pela Educatora 6 no trecho acima. Este aspecto também   um indicativo da visão tradicional, segundo a qual, a educa o ambiental   uma responsabilidade dos professores de ciências e de biologia.

Como muitos são professores da educa o formal ou realizaram estágios docentes, percebe-se algumas das práticas destes:

Como educador, consigo ter o contato com variedades faixas etárias de alunos e isto me despertou o querer fazer o diferencial quando sei que estes seres humanos serão, no futuro próximo, os novos interventores dos espaços e que estes *precisam ser moldados de conhecimentos e práticas* quem venham contribuir para o bem pacífico entre homem natureza (Educador 1, grifo nosso).

Este educador, ao afirmar que o aluno deve ser “moldado de conhecimentos e práticas”, parece-nos retratar uma visão behaviorista, que não se enquadra em uma constru o coletiva do conhecimento, a qual parece-nos mais adequada   EA. Apesar deste comentário, a maioria dos professores apresentaram práticas inovadoras e contextualizadas.

Uma visão crítica e processual da forma o do educador ambiental aparece na grande maioria das (auto)biografias.

A meu ver, o tornar-se educador ambiental   sempre um processo.   como realizar uma trilha em meio   mata,   necessária observa o contínua para corre o do caminho, crítica reflexiva, contempla o dos bons resultados, água fresca para dar novo ânimo, e uma companhia produtiva, que nos faça ir sempre mais longe (Educatora 2).

Hoje, sei que encontrei na educação ambiental um caminho de aprendizado e transformação pessoal e a possibilidade de contribuir para um processo de mudança socioambiental. Dessa forma, minha caminhada continua, tendo como próximo passo o ingresso num Programa de Mestrado com um projeto de pesquisa-ação-participante em EA (Educador 2).

Percebemos que o perfil dos educadores ambientais é bastante heterogêneo, portanto, a identidade entre estes é dada por serem sujeitos ecológicos e a especificidade é o fazer educativo no campo ambiental. Carvalho (2008: 75) assume que a EA é a “ação educativa do sujeito ecológico. Isso significa privilegiar sua filiação a uma tradição ambiental mais do que uma tradição pedagógica-educativa”. Neste sentido, a “interseção entre o ambiental e o educativo, no caso da EA, parece se dar mais como um movimento da sociedade para a educação repercutindo no campo educativo parte dos efeitos conquistados pela legitimidade da temática ambiental na sociedade” (p. 75).

Apesar de nosso enfoque não ter sido os saberes docentes, abordados por Tardif (2002), alguns destes apareceram nas (auto)biografias, como nos trechos citados acima, onde destaca-se aspectos da atuação docente e alguma reflexão sobre esta. Este aspecto já foi registrado por outros trabalhos para a comunidade de educadores ambientais brasileiros. Azevedo e Fernandes (2010), mobilizam os saberes docentes de professores da educação básica de um município localizado no Estado de Minas Gerais para, então, analisarem a compreensão e o tratamento de temas socioambientais e da própria EA. Segundo estes autores, a constituição de saberes próprios da atuação docente **é resultante das** “experiências adquiridas nas relações sociais vivenciadas, da formação profissional e dos saberes disciplinares e curriculares das pesquisadas, originando um esboço da consciência coletiva, que é determinado historicamente pelo meio e pelo seu grupo social” (p. 118).

Partindo do pressuposto de que os educadores ambientais valem-se de suas vivências para reforçar a contextualização dos assuntos tratados, os processos formativos devem envolver estes saberes, que são mais práticos e muitas vezes ignorados em situações formativas de professores. O uso de métodos reflexivos e colaborativos deve ser a base para a formação de professores/educadores ambientais. Por exemplo, Cachapuz *et al.* (2011) comentam a importância do trabalho coletivo e trocas de experiências e seus saberes envolvidos, o que permite uma visão mais complexa da realidade. As ações descritas por estes autores são presenciais, em relação às ações *on-line*, Souza, Sato e Palma (2011) e Lamim-Guedes (2015) apresentam alguns resultados do curso *Escolas Sustentáveis e Com-Vida*, desenvolvido pelo Ministério da Educação e pelas universidades federais de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e de Ouro Preto, que teve resultados bastante animadores e que encorajaram outras iniciativas envolvendo a Educação a Distância para a formação continuada de educadores ambientais. O livro *Educação Ambiental na Educação Básica: entre a disciplinarização e a transversalidade da temática socioambiental* (Lamim-Guedes; Monteiro, 2017) foi organizado a partir de ações relacionadas a um curso de pós-graduação em educação ambiental brasileiro, como fóruns, webconferências e produções textuais, oferecendo exemplos de ações para a formação continuada de educadores ambientais.

A experiência relatada neste trabalho está inscrita no movimento de história de vida em formação, que tem entre seus marcos o livro de Nóvoa e Finger (1988), marcado pela reflexão e trabalho coletivo. Neste contexto, é importante que a formação continuada dos professores também ocorra no próprio ambiente de trabalho dos professores, isto, nas salas de aula, a partir da interação com os alunos, ou no trabalho colaborativo com os outros professores. Assim, a formação continuada deve ser encarada como um processo permanente e que envolve diversas atividades como cursos formais ou livres presenciais ou a distância, mídias sociais, como o Facebook, e as (auto)biografias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da experiência relatada concluímos que o uso de (auto)biografias permite um processo de reflexão e compartilhamento que acaba sendo um processo formativo bastante rico. Apesar das dificuldades enfrentadas como pequena adesão em termos de número de participantes do grupo às atividades propostas, dificuldades em usar as ferramentas digitais (*Google Docs* e o próprio Facebook), consideramos exitosa a iniciativa desenvolvida.

O processo de constituição de educadores ambientais ocorre de forma diversa, sendo influenciada por eventos e movimentos internacionais e nacionais, pela educação formal e as vivências, desde a infância até a atuação profissional. A experiência relatada aqui indica a relevância das (auto)biografias como uma pesquisa-ação-formação que pode ser adotada em várias ações de EA, permitindo processos formativos *on-line* ou presenciais.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, D.S.; FERNANDES, K.L.F. (2009). Educação ambiental na escola: um estudo sobre os saberes docentes. *Educação em Foco*, 14(2): 95-119.
- BARDIN, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- BRASIL. (1999). Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. (1998). *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília.
- CACHAPUZ, A.; GIL-PÉREZ, D.; CARVALHO, A. M. P.; PRAIA, J.; VILCHES, A. (2011). *A Necessária Renovação do Ensino das Ciências*. 3 ed. São Paulo: Cortez.
- CARVALHO, I.C.M. (2008). *A invenção do sujeito ecológico: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil*. 3 ed. Porto Alegre: Editora UFRGS.
- LAMIM-GUEDES, V.; MONTEIRO, R.A.A. (2017). *Educação Ambiental na Educação Básica: Entre a disciplinarização e a transversalidade da temática socioambiental*. 1. ed. São Paulo-SP: Perse. Disponível em <<https://naraiz.wordpress.com/livros/>>. Acesso em 07.abr.2017.
- LEFF, E. (2008). *Saber ambiental*. 6. ed. Petrópolis: Vozes.
- MATTAR, J. (2013). *Web 2.0 e Redes Sociais na Educação*. São Paulo: Artesanato Educacional.
- NÓVOA, A., FINGER, M. (1988). *O método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa: MS/DRHS/CFAP.
- SAUVÉ, L. (2005). Uma cartografia das Correntes em educação ambiental. In: Sato, M., Carvalho, I.C.M. (org.). *Educação Ambiental*. Porto Alegre: Artmed. p. 17-45.
- SOUZA, G. V.; SATO, M.; PALMA, S. (2011). *Escolas Sustentáveis e Com-Vida em Mato Grosso: processo formativo em educação ambiental (caderno de experiências)*. Cuiabá, EdUFMT.
- TARDIF, M. (2002). *Saberes Docentes e Formação Profissional*. Petrópolis (RJ): Vozes.